

# SUPERANDO O MUNDO

## ENTREVISTA COM A DEFENSORA DE DIREITOS HUMANOS SUNITHA KRISHNAN

### COPING WITH THE WORLD

Rosana Carvalho Paiva<sup>1</sup>  
(entrevista, transcrição e tradução)

Sunitha Krishnan me entrega uma pulseira colorida, feita de fios de algodão em nós como o macramê. Me explica com simplicidade que é uma das muitas pulseiras feitas pelas meninas e mulheres acolhidas pela Prajwala. A pequena lembrança, que vai sendo distribuída às pessoas presentes. É como uma voz que fala através da materialidade. A presença das meninas e mulheres, sobreviventes de violências extremas, está amarrada ao meu pulso por esta pequena recordação. E diante de nós está Sunitha. Também sobrevivente da violência sexual, traz sua experiência e sua luta para serem apresentadas aos jovens de 14 a 17 anos de um conjunto de municípios do interior da Catalunha, Espanha. A dinâmica da palestra é promovida no marco do projeto “Cidades Defensoras dos Direitos Humanos”, realizado por uma rede de administrações municipais e organizações que convidam defensores de diferentes lugares do mundo para atividades educativas e de incidência política.

Sunitha apresenta um resumo de sua experiência como defensora de direitos humanos ao longo das últimas três décadas. Seu discurso não é simplificado por conta da faixa etária da plateia e ela não omite a crueza de relatos e imagens que demonstram as profundas feridas físicas e emocionais na vida das meninas e jovens traficadas e levadas à prostituição forçada. Assim, fomos levados a escutar as narrativas sobre as práticas de prostituição que circulam através de gerações, sobre meninas de cinco anos de idade vendidas por suas famílias e comercializadas no mercado sexual. Também somos chocados com imagem do rosto terrível e de olhos apagados da jovem de 16 anos minutos antes de morrer. A jovem era soropositiva e, quando resgatada, estava tão fragilizada que a equipe médica não pôde salvar sua vida. Ela faleceu de infecções derivadas da HIV, após anos de tortura. Antes de conseguir ter sido resgatada pela Prajwala, pede a Sunitha que lhe tire uma foto para alertar demais pessoas sob os riscos do tráfico sexual de mulheres.

O discurso de Sunitha tampouco omite sua própria experiência como vítima de violência, quando tinha a mesma faixa etária destes jovens que a escutam no anfiteatro de uma biblioteca. Ela sofreu um

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), por onde também é bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia. Atua nos campos de Identidades Étnico-Raciais, Povos e Comunidades Tradicionais, Territorialidade, Campesinato e Violência. E-mail: carvalhorosana8@gmail.com.

estupro coletivo por oito homens, utilizado como forma de tentar fazê-la parar suas ações como ativista pelos direitos de acesso à educação às meninas e jovens Dalits. À violência da violação, se juntaram a violência provinda da rejeição e da culpabilização pelo contexto familiar e social.

Lidar com estas experiências veio acompanhada de uma posição ativa na luta que levou a cabo inicialmente em Kerala, sua cidade natal, e depois em Hyderabad, capital do estado de Andra Pradesh. Em 1996, foi co-fundadora da Prajwala, organização que atua na prevenção, educação, resgate, proteção e reabilitação de meninas e mulheres. Segundo dados disponibilizados pela plataforma web da organização, 18 milhões de mulheres e crianças são submetidas à escravidão sexual na Índia. Assim, ao lado do horror da violência, ela apresenta também o caminho adotado pela organização e o impacto positivo que felizmente já teve sobre milhares de meninas e mulheres.

A luta contra as redes criminosas que lucram com a exploração e o tráfico não deixa de ser acompanhada de viver em situação de ameaça, tendo já sofrido ao menos 17 agressões físicas e inúmeros atos de ameaças e intimidações que tem ocorrido regularmente. Desde sua formação como trabalhadora social e psiquiatra, associados ao trabalho de incidência política, ela já publicou livros e contribuiu na realização de filmes, além de ter sido agraciada com inúmeros prêmios que reconhecem seu trabalho como defensora de direitos humanos.

O testemunho de Sunitha cumpre naquele momento o papel de educação para os jovens, aproximando contextos geopolíticos tão distintos. Ao final da palestra, é com surpresa que os jovens presentes ver a proximidade daquele universo até então distanciado. Ficou o alerta aos jovens rapazes sobre a constituição de masculinidades que endossam a posição do homem como responsáveis também por estes atos de violência, a presença de tráfico de mulheres, a prostituição e a pornografia forçadas voltadas para homens europeus, e exercida por estes seja na Índia, em outros países do Sul, como também no próprio território europeu.

É neste momento que reflito como o tráfico de seres humanos e a prostituição forçada trazem a marca de uma experiência global, entrecortada pelos processos históricos de colonização. Assim, tal como a pulseira tecida pelas sobreviventes de Prajwala transmite uma experiência e sensibilidade em sua delicada materialidade, as palavras de Sunitha me parecem também relevantes para serem transmitidas para mais além possível. E merecem ser também lidas no mundo amazônico tão cortado pela exploração do corpo de meninas e mulheres e por uma cultura de silêncio a ser superada.

**Eu gostaria que você, para começar, falasse um pouco sobre a Prajwala e as atividades de resgate; outro ponto seria a intervenção do Estado e a participação deste nas atividades de crime organizado.**

**Sunitha:** O trabalho da Prajwala não inicia com o resgate, começa com a prevenção. Uma das primeiras prevenções que nós começamos foi com crianças e mulheres na prostituição. Porque nós pensamos que uma segunda geração deveria ser prevenida. Porque a primeira geração por muitas razões, por motivos econômicos, motivos sociais, muitas razões levaram a isso, mas pode haver prevenção para a geração seguinte. Então o que fizemos, nós trouxemos educação, nós estabelecemos escolas educativas nas áreas onde estas mulheres e homens vivem, nós trouxemos centros de aprendizagem para os bordéis, onde nós iríamos preparar estas crianças para o ensino formal e através da educação nós poderíamos preveni-las de entrar nesta ameaça. Agora, o que tem sido mais impressionante realmente, que uma das mais longas intervenções, tem sido levada já há 23 anos e pela qual nós retiramos aproximadamente 10 500 crianças de serem induzidas para a prostituição. Então elas agora estão vivendo uma vida fora da prostituição, então a prostituição terminou com aquela geração. Foi terminada na primeira geração e a segunda geração

sendo prevenida. Então isso é o que é mais significativo. Então na Índia, nós temos muitos tipos, nós temos mulheres na prostituição, colocando suas crianças na prostituição, como no Brasil, mas nós também temos uma prostituição de base comunitária, em que há comunidades, há grupos que acreditam que a prostituição é um modo de viver. Então existe uma prostituição intergeracional, então é algo como que vem acontecendo por séculos, por causa da tradição e da cultura. Então nós estamos tentando parar isso com educação, mas não é apenas educação, é um tipo de combinação de conhecimentos escolásticos, com conhecimentos educativos, com um mecanismo de superação psicológica, porque estas crianças, todas elas praticamente estão expostas a experiências muito adultas logo em seus primeiros anos, então eles precisam superar isso para poder voltar para um comportamento normal da infância. E, depois prepará-las porque estas crianças também rejeitadas e não socialmente aceitas pela comunidade. Então, preparando-as para como voltar a viver na sociedade com dignidade e todo este mecanismo também acontece através do programa de educação corporal. Mas nós também fazemos conscientização comunitária, no que nós realmente vamos para as comunidades, fazemos com que eles fiquem conscientes dos perigos do tráfico, os perigos da prostituição e lhes dizer como isso pode realmente machucar o seu corpo, mente e alma. Então o programa inteiro é feito pelas sobreviventes elas mesmas, então não é como alguém ir e falar a respeito, são as sobreviventes indo e falando “Eu passei por isso, sabe? Então você deveria se proteger deste tipo de coisas como...”. Então isso é uma coisa que fazemos de uma maneira muito grande, de uma maneira extensa. E isso se torna a base para a intervenção por resgate. A intervenção por resgate é construída sobre a prevenção, é através das pessoas que se mostram muito conscientes e então eles se tornam muito atentos para esta realidade, eles poderiam se mostrar muito vigilantes, e eles começam a nos dar informação sobre resgate, quando eles iriam ver realmente “Nós vimos uma criança hoje que eles... uma criança pequena foi ultrajada, vocês poderiam fazer alguma coisa sobre isso?”. E então o resgate acontece, porque as pessoas foram conscientizadas, as pessoas observam e lhes dão informação, as pessoas começam a te dar informação. Então a prevenção move para o resgate, isso é como seu caminho natural. É claro que um crime desta natureza não pode se sustentar em nenhum lugar deste mundo sem participação das pessoas do governo nos crimes. Esta sobrevivência e êxito, em qualquer lugar do mundo, incluindo na Índia porque há pessoas horríveis que apoiam. E é claro que por causa deste envolvimento de pessoas poderosas, a partir de diferentes partes da sociedade, é muito, muito comum... Então, eles poderiam ser políticos, eles podem ser a polícia... eles podem ser qualquer pessoa, eles podem ser pessoas comuns, eles podem ser organizações não governamentais também, podem ser trabalhadores sociais também, como no seu país. De fato, em meu país, todo o tráfico humano para adoção pode comprar crianças em nome da adoção, eles podem comprar crianças em nome da adoção e vendê-las por causa dos órgãos, foi apenas através das assim chamadas organizações de trabalho social e organizações enganosas. Então traficantes podem ser qualquer pessoa, não há dúvida quanto a isso.

**Todas estas conexões profundas, estas conexões difundidas, criam obstáculos para seu trabalho e para o das sobreviventes?**

**Sunitha:** Sim, eu acho que há obstáculos para todo tipo de trabalho, mas quando se trata do resgate, nós trabalhamos contra a máfia diretamente. Eles se tornam o maior obstáculo. Mas algumas vezes, a atitude das pessoas no sistema se torna também um obstáculo. Policiais não pensam que isso seja uma prioridade, ou um juiz que pensa, “Porque estas pessoas precisam ser mantidas em um espaço seguro, então deixa elas voltarem”. Então a atitude da sociedade e das pessoas dentro do sistema se torna um dos maiores obstácu-

los também. Claro que o fato do governo não colocam dinheiro nisso, porque há pessoas poderosas envolvidas em combater ou mesmo tendo iniciativa para combater, isso é o maior problema, mas o ponto é que se torna muito difícil em um país em que o governo está se comportando como se estivessem encaminhando isso, mas eles não fazem nada para isso. Então para fora, eles falam muito. Eles têm quem faça grandes discursos sobre como irão acabar com isso e todas estas coisas, mas na realidade eles não querem realmente fazer alguma coisa sobre isso, então isso se torna o grande obstáculo, porque publicamente, se você diz que o governo não está fazendo nada sobre isso, as pessoas não vão acreditar, porque eles estão falando tanto, e todo mundo acredita em tudo, o governo está dizendo, então deve estar acontecendo. Mas na realidade, nada está acontecendo. Eles apenas não fazem nada sobre isso! Então, isso é importante, é o maior obstáculo, eu diria. Há dois obstáculos: um é a atitude da sociedade; o segundo é a resistência do sistema. Porque se eles não tomam a iniciativa, nada pode mudar, uma organização como a minha pode apenas tratar da questão, nós podemos fazer coisas em uma escala pequena, mas se você quer ver mudanças reais, o Estado precisa tomar a iniciativa e dizer, não, isto não é aceitável. Então, isso é uma coisa que precisamos considerar, tomar uma posição, porque o Estado às vezes se torna um grande obstáculo e eles raramente estão fazendo algo.

**Eu me lembro que em seu discurso na atividade ontem, você mencionou que muitas pessoas que não apenas criam obstáculos, mas também persegue. Você mencionou que já sofreu atentados físicos em sua trajetória, começando pelo que você sofreu quando você tinha 15 anos, você alguma vez considerou que sua vida estava em risco e você precisava tomar medidas de proteção da sua vida ou das demais pessoas que trabalham com você?**

**Sunitha:** Me ofereceram proteção pelo governo, me perguntaram. Eles me ofereceram me dar proteção, mas eu recusei. Eu acredito que meu trabalho é o trabalho de Deus e eu serei protegida desta forma. Porque eu não acredito no Estado.

**Porque a proteção, é claro, viria do Estado...**

**Sunitha:** Sim, eu não me sinto confortável com isso. Eu prefiro não ter. E eu estou atenta a isso, chegaram a me oferecer, que o Estado iria me dar proteção. Mas eu não me senti confortável com isso.

**É compreensível. Mudando um pouco o tema, sobre a reabilitação, é muito mencionado que o trauma, o trauma psicológico é como uma ferida que não pode ser curada. Você concorda com isso? A reabilitação pode curar total ou parcialmente?**

**Sunitha:** Eu não acho que cura totalmente. Mas é errado dizer que não cura. Porque, é claro que há muitas partes do trauma que irão permanecer dentro de você, que poderão estar ali pela vida toda, talvez. Mas você pode curar até a extensão de superar isso, e sobreviver e viver normalmente com isso, como uma pessoa normal, o que é possível, não é como uma vez que você é traumatizada, você não poder ir simplesmente para isso, que você estará incapacitada por toda a vida, não, eu não acredito nisso, mas eu também acredito que isso não acontece da noite pro dia, leva muito tempo para as pessoas saírem deste tipo de situação e automaticamente não irão sair. Elas precisam de suporte externo para ajudar a curá-las. Não é como eu quero me curar e digo, “ok, eu vou sair disso”. Não acontece desta forma, eu precisaria de suporte emocional para me assegurar que eu receba cuidado pós-traumático, eu tenha terapia, eu receba aconselhamento e eu tenha um tipo de ambiente terapêutico para que eu... Então o trauma não é apenas uma

coisa que irá embora em um dia, mas é não algo que não irá embora de maneira alguma. Mas ao mesmo tempo, não é algo que não pode ser totalmente recuperado, existe algo daquele incidente, daquela situação particular, daquele incidente que deixa algo dentro de você e que não irá sair completamente, não importa o que. Mas o ponto é que o que está ali e o impacto daquilo em você, se irá fazer você se tornar incapaz para funcionar para a sociedade, ou você irá lidar em um curso normal da sociedade. Eu acho que o suporte às vítimas está no direito de reunir coisas importantes. Não é difícil voltar para uma situação normal, com a qual você pode lidar normalmente, mas para pessoas diferentes, leva tempos diferentes. A menor quantidade de tempo que leva para um ser humano é por volta de um ano. O mínimo.

### **Mas e as meninas que foram traficadas quando ainda eram muito jovens?**

**Sunitha:** Eu estou falando das meninas que foram traficadas. Há pessoas que levam muitos, muitos anos, mas eu estou falando do menor do menor. Para tirar alguém da prostituição e começar uma vida nova, leva ao menos um ano para poder voltar para algum tipo de vida. Superando o mundo. Isso leva tempo. Então é muito estúpido pensar que se eu retiro alguém deste lugar e a trago para este outro lugar, automaticamente tudo vai ficar bem. Não vai ficar bem. Aqui para ali existe um caminho mediano de criar um espaço seguro, onde elas podem superar, e esse espaço deve ser muito, muito claramente isolado de qualquer influência negativa. Não pode haver nenhuma lembrança de nada naquele lugar, entrando naquele lugar, o que significa que este tipo de ambiente habitual é isolado, é bem protegido. O que é algo muito controverso ao redor do mundo. A legislação indiana possui previsão para isso, mas em muitos países, através de vários lobbies, os assim chamados lobbies do trabalho sexual, se opõem a este tipo de espaço seguro, “isso é detenção, é prisão...”. Mas o ponto é que você precisa criar um espaço seguro que é o mais isolado possível de influências negativas. Quando a pessoa começa a superar, então ela pode começar a retornar para sua vida, porque a pessoa tem chance de superar esta negatividade.

### **Mas e as meninas tem dificuldade em retornar para suas comunidades e famílias graças a esta visão cultural negativa sobre a experiência que tiveram?**

**Sunitha:** Sim, mais de 60% das famílias não as aceitam de volta, mas existem aqueles 40% que podem aceitar se você providenciar o aconselhamento correto para as famílias, e fazê-los entender isso.

### **Vocês também trabalham com as famílias?**

**Sunitha:** Sim, uma grande parte do trabalho é com as famílias também, para ajuda-los a entender o problema, fazê-los entender que a menina não fez nada errado e ajudá-la a voltar para suas famílias. Mas depois, você também tem um grande número de famílias que estiveram envolvidas nisso, eles são parte do problema, eles são aqueles que estão vendendo suas filhas, você não pode manda-las de volta pra este tipo de família. Então é muito... não é apenas uma resposta, quero dizer, mas as pessoas acreditam que tudo acontece da mesma forma.

### **E no caso de uma garota muito jovem, uma adolescente, que não pode voltar para sua família?**

**Sunitha:** Na maioria destes casos, elas foram vendidas pelas suas famílias. E a criança pequena vai ser em grande parte vendida pela sua própria família. Então como podemos trazer a criança de volta para a mesma família que a vendeu?

**E o que você geralmente faz nestas situações?**

**Sunitha:** Então, basicamente nós educamos a criança, preparamos a criança para o mundo exterior, a colocamos em uma escola normal, num colégio, e a ajudamos a construir uma vida independente.

**Por quanto tempo elas podem ficar na Prajwala?**

**Sunitha:** Até que elas tenham 18 anos. As crianças podem ficar até que tenham 18 anos. Mas para adultos pode ser no máximo três anos.

**O que eu gostaria de te perguntar mais também é sobre a cultura do silêncio, esta cultura da violência a o maltrato ao corpo da mulher que acontece na Índia, mas também no Brasil, e, é claro, a prevenção seria a forma de evitar isso, como você disse. No Brasil, temos lido muito a Veena Das, uma antropóloga indiana que trabalha muito sobre violência sexual contra mulheres. Ela enfoca muito a relação entre os grandes eventos como a Partição ou o assassinato de Indira Gandhi, e as consequências para uma cultura do estupro e da violência. Você vê uma relação entre estes grandes eventos, incluindo a colonização, com a experiência destas meninas e mulheres?**

**Sunitha:** Eu acho que sim. Existe definitivamente uma conexão entre a cultura do silêncio, como eu disse, é uma grande parte disso. Nós podemos normalizar muitas coisas, o silêncio vem da normalização, o silêncio vem da sua normalização, o silêncio vem de pensar que tudo está bem. Eu acho que o regime colonial é o maior fator de normalização, criando algo que acomoda a sociedade, então muito disso, uma sentença que eu acredito está em muitas partes do mundo, não apenas na Índia. É como um mal necessário, então eles começam como que criando uma narrativa de que estaria tudo bem, e porque estaria tudo bem, então, você deve se manter em silêncio, e a singularidade e a legitimação desta singularidade, não está apenas em estar tudo bem, mas também estaria ajudando à exploração, e esta exploração é considerada como apoiando a sociedade em várias formas. Este tipo de silêncio é algumas vezes parte de um espectro completo de violência contra mulheres. Existe abuso sexual, existe prostituição, então, sim, é algo que eu iria definitivamente concordar, porque romper o silêncio não é apenas falar a respeito, é fácil falar sobre as coisas, mas então você não está rompendo o silêncio, porque então é apenas um tipo de área desfocada, você diz algo porque você tem que dizer, mas sem estar realmente questionando suas vidas, realmente confrontando seus próprios sistemas de vida, trazendo seu próprio espaço pessoal como se você estivesse realmente fazendo algo, se comportando de alguma forma ou acreditando em coisas que realmente apoiam estes pensamentos. Confrontar isso é um dos lugares mais desconfortáveis na vida de qualquer pessoa. Quando se trata de danos externos, ok, mas quando se trata do seu próprio *self*, se torna extremamente desconfortável. Até mesmo explorar, isso se torna uma das maiores partes do problema. Ninguém quer se contorcer nisso. Para mim, quando se trata do silêncio cultural é quando se trata de que nós temos que romper o silêncio. Não é sobre o silêncio exterior que estou falando, mas sobre o silêncio interior, é sobre várias coisas na sua vida, é sobre a forma como você trata disso com seus filhos, é a forma como você conversa com seus irmãos, a maneira como você cria uma norma familiar, a maneira como você considera que está ok uma série de coisas, como você diz que está tudo bem, que é parte da masculinidade, ou a construção masculina de como um homem deve ser, e você está bem com isso, como isso contribui com a situação? Coisas como estupro e prostituição são um tipo de manifestação restrita. Existe todo um conjunto de coisas que está acontecendo antes disso. E uma coisa levando à outra, não é sobre o exterior, é sobre o interior, então é aí que temos que encontrar espaços para questionar e falar a respeito.

**E esse questionamento inclui quem considera também que a exploração sexual constrói uma base para a sociedade?**

**Sunitha:** Sim, existe toda uma escola de pensamento que acredita que sim, que algumas mulheres devem ser sexualmente exploradas, então para que outras crianças, mulheres e a sociedade fiquem salvas. Então a ideia fundamental atrás disso é que a libido masculina estaria como sobrecarregando, e isso teria que ser satisfeito de alguma forma, então isso tem que ser satisfeito, essa libido masculina teria que ser direcionada para poder sair, e então, algumas mulheres e crianças deveriam ser exploradas, para que os homens pudessem ir se satisfazer ali, para que suas filhas, suas irmãs e suas mães possam andar pelo mundo em segurança. Do contrário, aqueles homens poderiam começar a sair estuprando todas as meninas e mulheres em todos os lugares.

**Então parte da prevenção deve começar com os homens e meninos? Como podemos fazer isso?**

**Sunitha:** Sim, homens e meninos. É preciso começar com eles. Eu acredito que Prajwala tem sido muito bem sucedida em criar um projeto chamado Men Against Demand,<sup>2</sup> trabalhando e engajando homens e meninos, conversando com eles sobre masculinidade, o que eles pensam sobre isso. O que eles pensam que é ser masculino? Se é o poder de espatifar o corpo de uma mulher, de comprar o corpo de uma mulher... Isso é algo que tem mostrado resultados pequenos, mas sistemáticos. A base é muito devagar, mas o que estamos conseguindo é que pouco a pouco tem sido de grande ajuda, em termos de que estamos sendo capazes de criar uma contra-narrativa, onde nós começamos a dizer que comprar uma mulher não é ótimo, não é algo para o qual se deve ter orgulho. Ou então que molestar uma menina, tocar uma menina de maneira sexual e inadequada, estuprar uma menina não é legal, não é o que um homem de verdade pode fazer. A colonização começou coisas deste tipo, eu não vou dizer que seja necessariamente a base disso, mas definitivamente a colonização começou a atuar em discriminar a intervenção. Então nós estamos lidando com os homens, usando esta linguagem. É algo muito diferente, para vemos os resultados aparecendo, é preciso definitivamente começar a investir em nossos homens e meninos, porque basicamente quando estamos falando da segurança de mulheres e crianças, não é apenas sobre mulheres e crianças, é sobre homens e meninos e sua atitude, até que percebamos que se a atitude deles não mudar, nada vai poder mudar, esta é a parte fundamental do meu entendimento.

**Da mesma forma em que se é possível ajudar mulheres e meninas, como sobreviventes, pela cura e reabilitação, é possível fazer o mesmo com os homens?**

**Sunitha:** Sim, e deveríamos fazê-lo, porque a maioria dos homens se torna abusadores porque eles também foram abusados em algum momento.

**Abusados sexualmente, ou também outros casos de abuso?**

**Sunitha:** Todos os tipos de abuso, mas o abuso sexual principalmente. Isso nunca, nunca é falado. Isso nunca é direcionado. Nós falamos do abuso sexual de mulheres e crianças, mas nunca falamos sobre abuso sexual com os homens. E o tipo de violação ao qual eles foram submetidos e eles realmente tomam isso como se fosse algo normal, se alguém os toca inapropriadamente, eles não podem falar, mesmo se eles não

---

<sup>2</sup> *Men Against Demand for Prostitution* ou Homens Contra a Demanda de Prostituição, representa uma campanha como parte de um dos projetos focados na prevenção desenvolvidos pela Prajwala.

gostaram eles pensam que nunca deveriam falar sobre isso, porque se falarem sobre isso será uma vergonha para sua masculinidade. Este é um tipo de colonização, compreende? Os homens precisam de todo o suporte e ajuda. Eles não falam a respeito e infelizmente poucas pessoas estão investindo nisso. Na Índia, existem alguns grupos pequenos, mas eles sentem que alcançam muito poucos.

**Sunitha, como última questão para encerrarmos, o que você diria para as pessoas na Amazônia, também uma sociedade colonizada, que se depara com situações semelhantes?**

**Sunitha:** Todas nós precisamos nos juntar e combater. Eu acredito que se metade da humanidade não está a salvo, o mundo nunca será seguro, um lugar seguro para ninguém. É preciso toda nossa comunidade global lutar e garantir que este mundo seja seguro para todos.

**Recebido em 10.12.2019**

**Aprovado em 18.12.2019**